



Conjuntura da Construção

n.º 37

Fevereiro / 2010

Conjuntura da Construção sem alterações em Janeiro de 2010

Da informação, qualitativa e quantitativa, disponível e relevante para a análise da conjuntura do sector da construção, a FEPICOP conclui que não se registaram alterações sensíveis até ao final de Janeiro de 2010, prosseguindo a maioria dos indicadores a trajectória que vinham descrevendo até ao final do ano de 2009.

Na verdade, os níveis de confiança empresariais permanecem com sinais negativos, em resultado de quebras de encomendas em carteira, em particular, reduções de encomendas privadas, reduções a que se juntam as perspectivas negativas de criação de emprego nos próximos meses.

Os níveis de desemprego do Sector continuam, por conseguinte, a aumentar por insuficiência de actividades, sobretudo no segmento residencial, sendo o acréscimo de desempregados oriundos da construção superior a 67% no final do ano e elevando, deste modo, o seu peso para 14% do desemprego nacional.

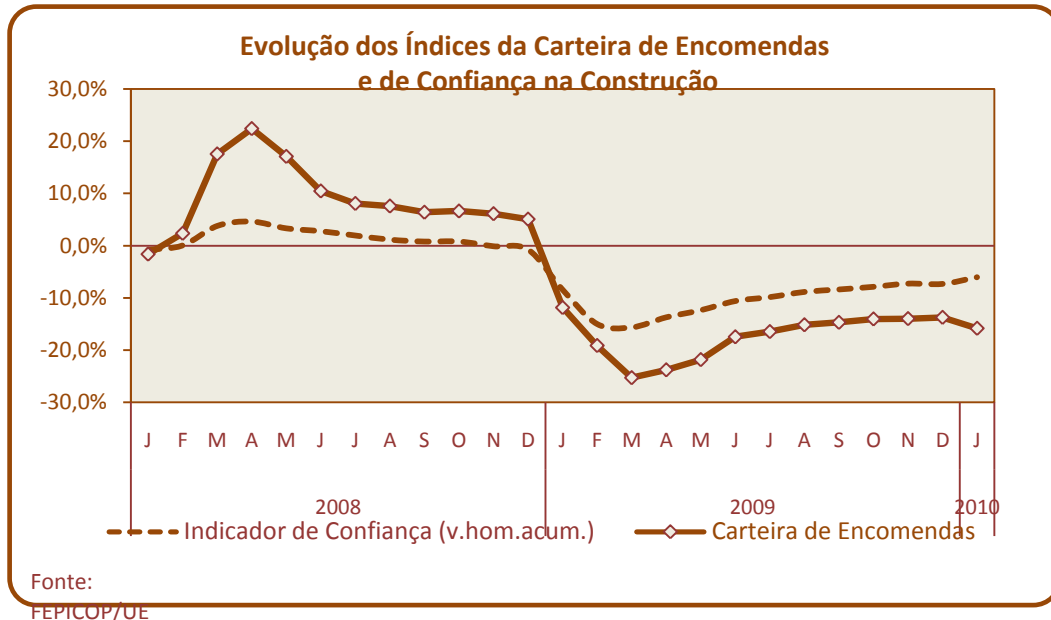
Os níveis de actividade por segmentos, até ao final de Janeiro de 2010 continuam a apresentar ritmos diferenciados, à semelhança do que se verificou em 2009. De facto, os índices de produção, estimados pela FEPICOP, para as obras de engenharia civil e edifícios não residenciais públicos, continuam a apresentar evoluções mais favoráveis que os apurados para o segmento dos edifícios privados, persistindo estes últimos em quebras muito acentuadas de actividade.

Por fim e em comparação com os parceiros europeus, enquanto que, em média e em Janeiro de 2010, melhorou significativamente a evolução trimestral do saldo do indicador de confiança apurado para os 27 países da União Europeia, pelo contrário, a evolução relativa às opiniões dos empresários portugueses piorou.

1. Empresários do Sector da Construção continuam pouco confiantes

Em Janeiro de 2010, a evolução do indicador de confiança, apurado pela FEPICOP em colaboração com a UE, continuou a apresentar um sinal negativo, revelando estar a maioria dos empresários muito pouco confiante numa melhoria da evolução da conjuntura do sector. De facto, depois de se ter apurado uma variação de menos 11% para este indicador no final de 2009, no final de Janeiro e em termos homólogos a variação apurada permanece igual, traduzindo não se ter alterado o pessimismo empresarial neste primeiro mês do ano.

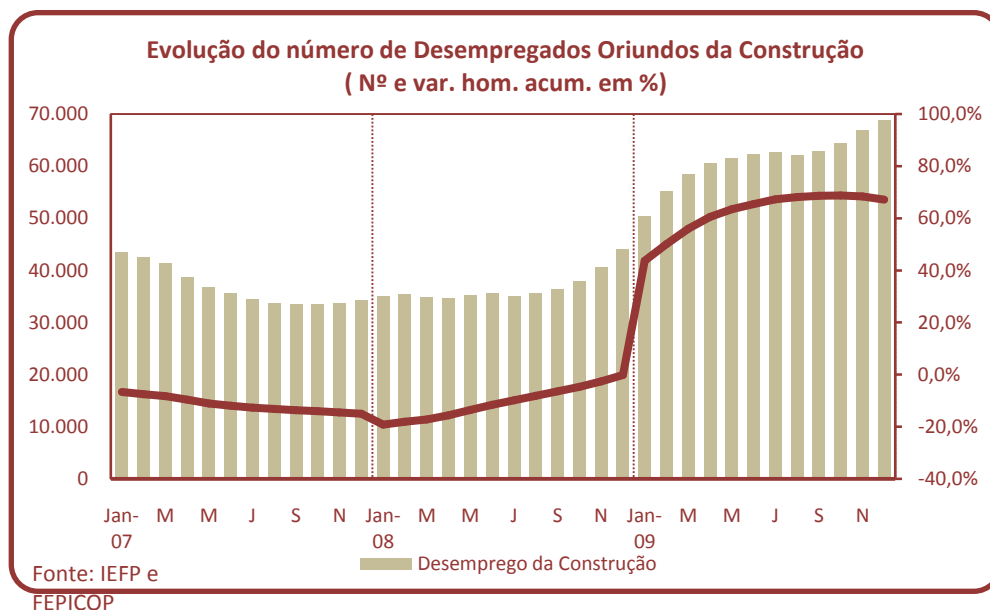
Para esta variação negativa do indicador de confiança contribuiu, sobretudo, a forte redução de encomendas em carteira, redução que se intensificou no mês de Janeiro. Na verdade, este indicador tem-se vindo a deteriorar nos últimos meses, consubstanciando a evolução negativa dos indicadores quantitativos relativos à actividade dos edifícios privados. A variação homóloga da carteira de encomendas que, em Janeiro de 2009, já registava um valor negativo de 12%, tem-se agravado desde então, apresentando, em Janeiro de 2010, um decréscimo próximo de 16%, o qual traduz, de alguma forma, a intensidade da retracção da procura por actividades do Sector, sobretudo, do lado da procura privada.



A redução de encomendas em carteira impossibilita perspectivar novos postos de trabalho, daí que, também o indicador relativo às perspectivas de emprego evolua de forma negativa, corroborando a evolução ascendente do número de desempregados oriundos da construção mensalmente inscritos nos Centros de Emprego.

2. Número de desempregados da construção continua a aumentar

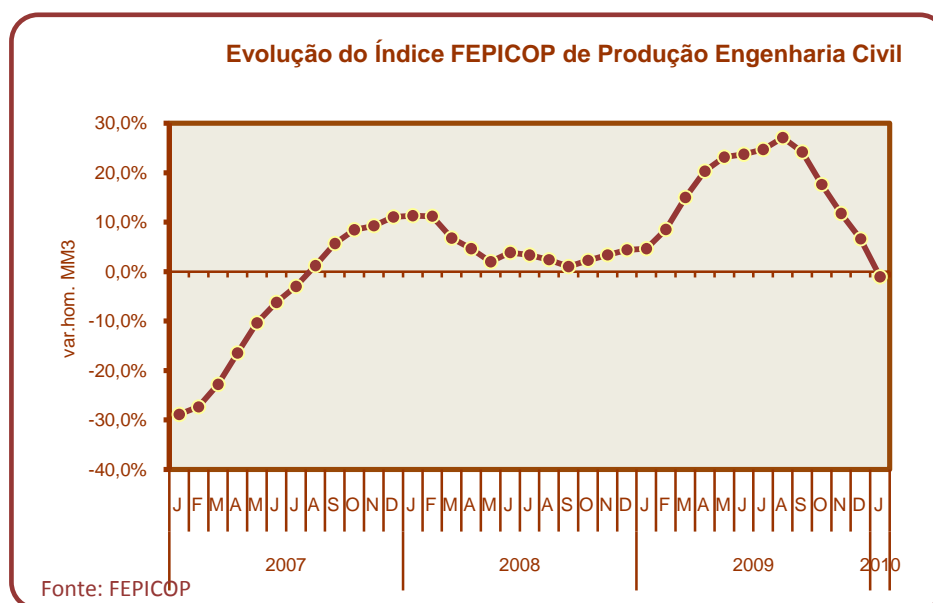
Sendo já preocupante, até ao final de 2008, o número de desempregados oriundos da construção inscritos nos centros de emprego (mais de 44 mil pessoas), valor que contribuía com 11,5% para o número total de desempregados inscritos, eis que, no final de 2009, essa preocupação dá lugar a um grave problema, não só porque aquele número (são agora quase 69 mil) passou a pesar no total de desempregados mais de 14%, o que corresponde a um incremento de quase 25 mil pessoas face a Dezembro de 2008, mas, também, porque o acréscimo anual de desempregados da Construção atingiu os 67%.



Estamos, por conseguinte, perante uma situação muito gravosa cuja solução passa pela dinamização da Construção, primeiro, por ser, actualmente, o número de desempregados deste sector de actividade o que detém maior peso no desemprego nacional e, segundo, por se saber ser este um Sector cuja actividade é intensiva na utilização de mão-de-obra.

3. Engenharia civil com tendência de evolução descendente

Sendo o segmento das obras de engenharia civil analisado pela FEPICOP, composto, em mais de 90%, por obras de urbanização (mais de iniciativa municipal) e vias de comunicação (mais de iniciativa central), a evolução mensal dos níveis de actividade está, por isso, dependente do volume de adjudicações que se façam deste tipo de obras. Como se pode observar no gráfico abaixo, ao longo de 2009 atingiram-se acréscimos muito razoáveis no volume de produção de obras de engenharia civil, sobretudo no primeiro semestre, devido aos dois actos eleitorais que se registaram até Outubro. A partir de então, a tendência de evolução do índice de produção tem vindo a inverter-se, sendo já negativa a variação registada no trimestre terminado em Janeiro de 2010, face ao trimestre acabado em Janeiro de 2009. Esta evolução não nos surpreende, isto por ter sido o ano de 2009 excepcional em termos de utilização do investimento público, quer como instrumento para atenuar os efeitos da crise financeira mundial, quer pelos actos eleitorais registados.

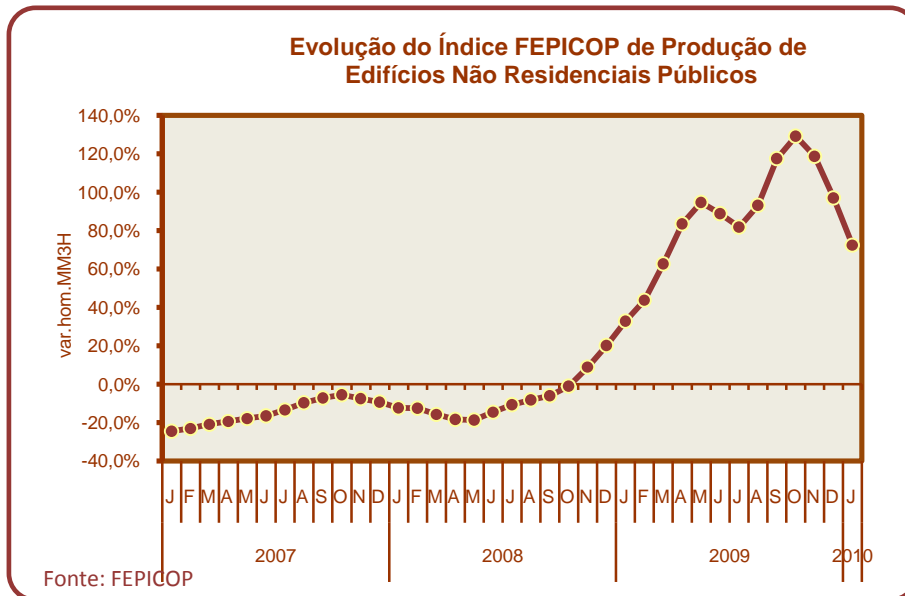


Esta inversão da tendência de evolução da produção de obras de engenharia civil deverá continuar a observar-se no curto prazo, tendo em consideração o objectivo traçado para 2010 de contenção do défice orçamental por via da redução do investimento público (PIDDAC) em todos os Ministérios, conforme consta do Relatório do Orçamento de Estado recentemente divulgado.

No que se refere à evolução do Índice de produção de edifícios não residenciais públicos, onde se incluem hospitais, escolas e edifícios multifuncionais, também se registou um reforço de investimento público muito substancial ao longo de 2009, nomeadamente no volume de



trabalhos realizados na modernização do Parque Escolar, que terá envolvido mais de 600 milhões de euros. Como podemos observar abaixo, em 2009 a curva de evolução foi quase sempre ascendente, tendo-se apenas invertido nos últimos meses e em Janeiro de 2010, mês em que, apesar do acréscimo muito razoável observado, foi inferior ao registado até meados de 2009.

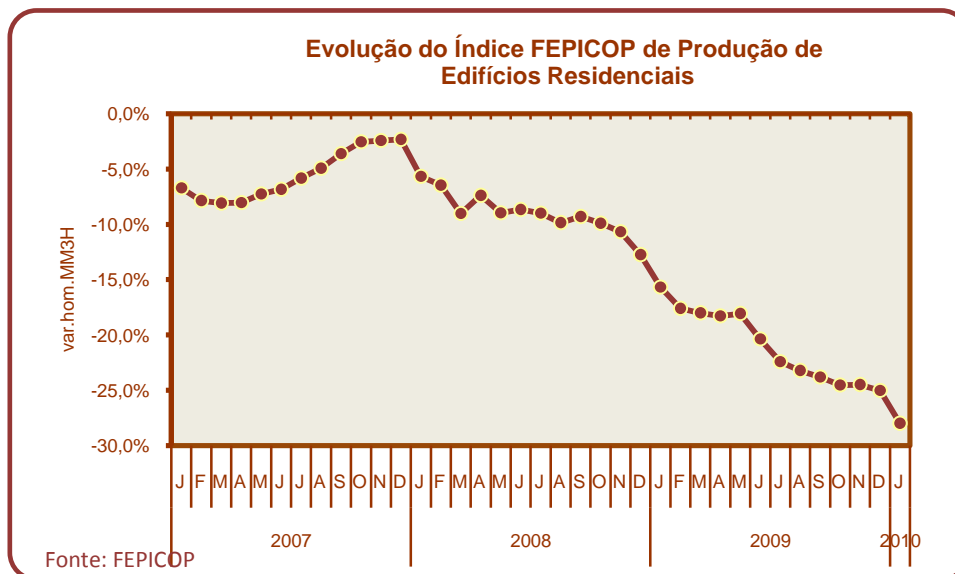


Pensamos que esta inversão da tendência de evolução da produção de edifícios não residenciais públicos será temporária, uma vez que, só no mês de Janeiro, a Parque Escolar, EPE, promoveu concursos públicos relativos à 3ª fase do programa de modernização de escolas num montante superior a 300 milhões de euros, intervenções que deverão ficar concluídas até ao final deste ano, pelo que a evolução da curva referida deverá reflectir este incremento da procura pública.

Pese embora os dois segmentos de actividade anteriores ainda continuarem a registar em Janeiro de 2010 algum dinamismo nas suas actividades, porém, como veremos de seguida, o segmento residencial e não residencial privados permanecem numa trajectória de forte contracção.

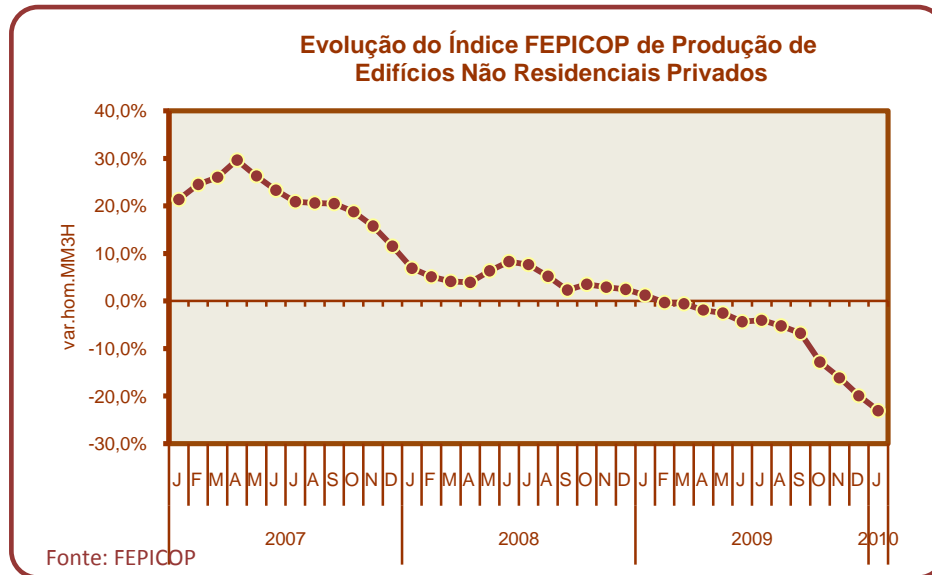
No que se refere ao segmento dos edifícios residenciais, observou-se, em 2009, uma quebra anual de quase 38% nas superfícies licenciadas para a construção de edifícios novos, magnitude que traduz bem a ausência de procura de habitações novas, a qual tem conduzido a sucessivas reduções de actividade nesta área que, por ser mão-de-obra intensiva, tem dado origem ao

aumento do número de desempregados oriundos do Sector. De facto, desde 2002 que a produção de edifícios residenciais vem apresentando decréscimos, sendo o relativo a 2009 o mais acentuado (menos 22%), de tal forma que as quebras acumuladas rondarão os 50%.



Para Janeiro de 2010, a FEPCOP estima que uma nova baixa de produção de habitações novas se tenha verificado em termos homólogos, não se perspectivando, no curto prazo, melhorias neste segmento, a não ser que medidas urgentes de estímulo à procura ou com vista à redução do número de desempregados sejam consideradas. Como afirmámos antes, reduzir o desemprego nacional passa necessariamente por reduzir o número de desempregados que, mensalmente, saem do sector e se inscrevem nos centros de emprego, devido a sucessivas reduções de actividade, em particular, nos edifícios residenciais.

No que respeita ao segmento dos edifícios não residenciais privados, também a contracção da procura se fez sentir com forte intensidade ao longo de 2009, contracção que se encontra bem espelhada no decréscimo anual de 28% da área licenciada para a construção deste tipo de edifícios, face a 2008. Esta quebra do licenciamento, sendo muito acentuada, distingue-se qualitativamente da apurada para a habitação, por um lado, porque em 2008 a área licenciada para edifícios não residenciais tinha observado um acréscimo significativo, ao contrário do forte decréscimo apurado na habitação e, por outro, porque as perspectivas de actividade para 2010 neste segmento não são tão negativas como as apontadas para o residencial, dado terem melhorado as superfícies licenciadas para este tipo de edifícios nos últimos meses de 2009.



As sucessivas reduções do licenciamento de edifícios não residenciais privados registadas ao longo de 2009 têm conduzido a sucessivas baixas de actividade nesta área, de tal forma que, no final de 2009, se terá registado um decréscimo de produção da ordem dos 17%, estimando a FEPICOP que, no trimestre terminado em Janeiro de 2010, a variação negativa se tenha fortemente acentuado em comparação com igual período de 2009.

Em síntese, enquanto permanecer estagnada e inibida a procura privada de actividades de construção, serão postos de trabalho que estarão em causa e, em última instância, ficará comprometida a retoma de um Sector muito relevante para a economia nacional, tanto pela sua representatividade no produto, como no emprego e desemprego.

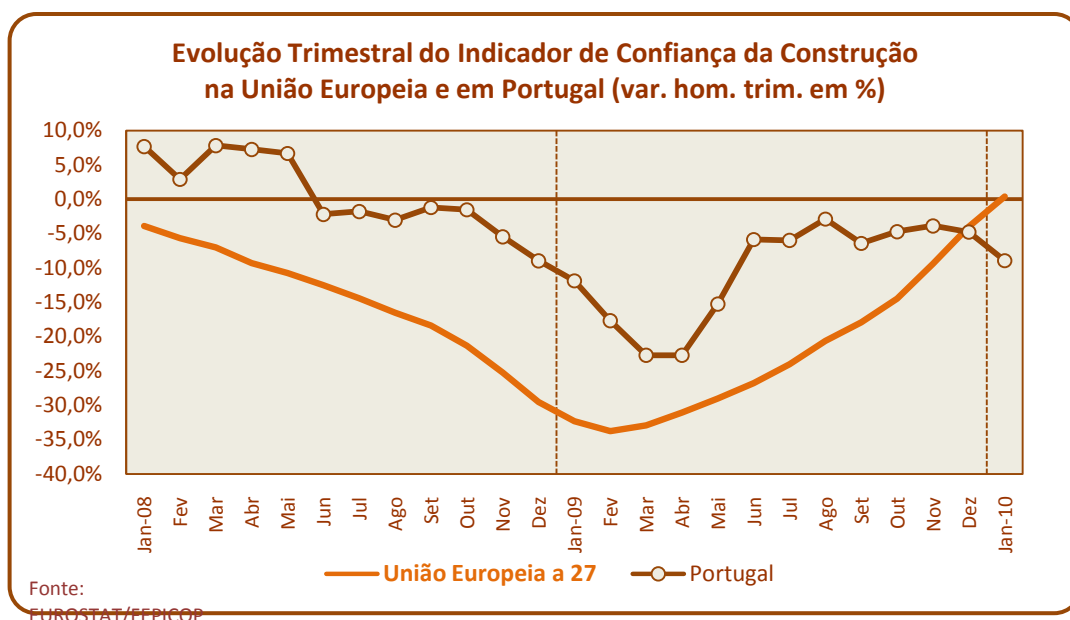
4. Empresários portugueses da construção continuam menos confiantes que os seus congéneres europeus

Em Janeiro de 2010 e de acordo com os resultados apurados pela Comissão Europeia, dos inquéritos à construção realizados nos 27 Estados membros, é possível concluir que os empresários nacionais da construção estão bem mais pessimistas que os seus congéneres europeus.

De facto, enquanto se verifica uma melhoria na evolução trimestral do saldo do indicador de confiança dos 27 países da UE, no caso português observa-se uma situação inversa, já que se

deteriora essa evolução trimestral dos saldos deste indicador. Ou seja, enquanto para os 27 países da UE se observou um decréscimo de 4% no trimestre terminado em Dezembro de 2009 e um ligeiro acréscimo de 0.4% no trimestre terminado em Janeiro de 2010, ao contrário a confiança dos empresários portugueses degrada-se, já que a variação passou de menos 4.8% para menos 8.9% em igual período.

A mesma observação é possível fazer para a evolução das carteiras de encomendas, as quais, em termos médios europeus, melhoram de Dezembro de 2009 para Janeiro de 2010, sendo que em Portugal essa evolução se agravou.



Da análise de todos os indicadores qualitativos apurados pela Comissão Europeia extraídos dos inquéritos realizados ao sector da construção nos 27 estados membros, relativos a Janeiro de 2010, podemos afirmar estarem os empresários portugueses mais pessimistas que os seus parceiros, pessimismo que resulta, sobretudo, da falta de procura privada, a qual foi apontada como um dos grandes obstáculos por mais de 80% dos inquiridos.



INDICADORES DE ACOMPANHAMENTO DA ANÁLISE DA CONJUNTURA DO SECTOR DA CONSTRUÇÃO E OBRAS PÚBLICAS

Indicador	Unidade	2006	2007	2008	1.º T/09	2.º T/09	3.º T/09	4.º T/09	Nov.09	Dez. 09	Jan.10
		var. anual			var. hom. trimestral				var. hom. acumulada		
Indicadores Macroeconómicos											
PIB (INE - CNT)	v. real (%)	1,4%	1,9%	0,0%	-4,0%	-3,7%	-2,5%				
FBCF - Total (INE - CNT)	v. real (%)	-0,7%	3,1%	-0,7%	-14,4%	-17,6%	-10,4%				
FBCF - Construção (INE - CNT)	v. real (%)	-5,4%	-0,2%	-5,7%	-13,2%	-13,2%	-9,4%				
VAB - Construção (INE - CNT)	v. real (%)	-3,3%	0,7%	-5,2%	-11,7%	-11,4%	-8,2%				
Tecido Empresarial											
Índice Empresas Activas (FEPCOP)(Jan 2000=100)	%	-3,0%	-2,5%	-5,7%	-9,5%	-10,6%	-11,7%	-11,5%	-10,7%	-10,8%	-10,8%
Indicador Confiança (FEPCOP/UE)(Jan_00 = 100)(1)	%	-0,3%	2,0%	-0,8%	-15,7%	-5,5%	-3,9%	-3,9%	-7,3%	-7,3%	-6,1%
Carteira Encomendas (FEPCOP/UE)(Jan_00 = 100)(1)	%	2,6%	-3,8%	5,1%	-25,3%	-8,5%	-8,8%	-10,5%	-14,0%	-13,7%	-15,8%
Situação Financeira Empresas (FEPCOP/UE)(1)	%	-0,6%	0,9%	-6,2%	-13,8%	-15,7%	-7,8%	7,9%	-9,4%	-7,9%	2,6%
Emprego e Desemprego na Construção											
Nº Trabalhadores COP (INE - IE) (2)	milhares	553,0	570,8	555,1	514,5	513,5	503,1				
Nº Desempregados da COP (IEFP)	milhares	42,9	34,3	44,1	164,0	184,3	187,4	200,0	66,8	68,8	
Nº Trabalhadores COP (INE - IE) (2)	%	-0,2%	3,2%	-3,0%	-8,2%	-8,1%	-10,0%				
Nº Desempregados da COP (IEFP)	%	-4,3%	-15,1%	-0,2%	55,9%	74,8%	74,9%	63,2%	68,3%	67,1%	
Taxa Desemprego na COP (FEPCOP)	%	7,0%	5,4%	7,0%	9,6%	10,7%	11,0%				
Perspectivas de Emprego (FEPCOP/UE)(1)	%	-1,1%	3,1%	-2,2%	-9,2%	-2,6%	-1,4%	-1,0%	-3,4%	-3,6%	-1,3%
Produção da COP por Segmentos de Actividade											
Engenharia Civil											
Índice Produção Obras Eng. Civil (FEPCOP)	%	-25,5%	-4,5%	3,9%	15,0%	23,7%	24,2%	6,6%	18,6%	17,3%	-15,3%
Nível Actividade Obras Eng. Civil (FEPCOP/UE)(1)	%	5,1%	5,7%	-3,1%	-19,9%	-10,8%	-6,4%	-3,6%	-4,4%	-3,6%	2,2%
Valor Obras Públicas Promovido (FEPCOP)	%	-1,2%	-10,1%	35,3%	8,6%	-18,6%	-60,7%	-55,4%	-31,2%	-32,0%	598,7%
DESVIO Valor Adj. / Base Licitação (FEPCOP)	%	-14,1%	-9,1%	-4,2%	-6,6%	-5,5%	-5,6%	-4,2%	-8,3%	-8,6%	-9,1%
Habitação											
Índice Prod. Edif. Habitação (FEPCOP)	%	-5,5%	-5,3%	-10,2%	-18,0%	-20,4%	-23,8%	-25,0%	-21,4%	-21,7%	-36,6%
Nível Actividade Edif. Habitação (FEPCOP/UE)(1)	%	0,0%	6,7%	-1,5%	-21,0%	-10,8%	-12,9%	-1,9%	-13,4%	-11,8%	-12,5%
Área Licenciada Edif. Habitação (INE-nº)	%	-6,7%	-5,9%	-25,9%	-44,2%	-41,3%	-36,5%	-20,6%	-39,4%	-37,6%	-22,4%
Edifícios Não Residenciais											
Índice Produção Edif. N/ Residenciais (FEPCOP)	%	-10,4%	8,9%	2,7%	14,1%	16,2%	21,9%	11,4%	16,8%	15,9%	-4,7%
Nível Actividade Edif. N/ Residenciais (FEPCOP/UE)(1)	%	-11,5%	8,8%	2,8%	-11,7%	-2,7%	-3,9%	1,2%	-5,0%	-4,3%	-1,7%
Área Licenciada Edif. N/ Residenciais (INE-nº)	%	10,3%	13,4%	2,7%	-33,7%	-18,5%	-39,8%	-15,7%	-33,9%	-28,4%	-28,1%
Produção Global											
Nível Actividade Global (FEPCOP/UE)(1)	%	-9,6%	6,8%	-1,1%	-17,6%	-5,9%	-5,1%	1,0%	-8,1%	-7,1%	-1,6%
Consumo de Aço (sem importações) (MF)	%	-12,7%	-4,6%	-11,2%	-23,7%	-12,6%					
Consumo de Cimento (Cimpor, Secil, outros)	%	5,9%	0,9%	-6,5%	-16,9%	-16,1%	-13,1%	-14,7%	-14,8%	-15,2%	
A Construção Europeia											
FBCF Total (UE - Zona Euro)	v. real (%)	4,4%	4,8%	0,0%							
Indicador Confiança Construção (UE - 27 países)	%	7,4%	0,5%	-16,6%	-32,9%	-26,8%	-17,9%	-4,0%	-23,2%	-21,8%	3,1%
Indicador Confiança Construção (UE - Portugal)	%	2,3%	1,6%	-1,2%	-22,7%	-5,9%	-6,4%	-4,8%	-9,9%	-10,2%	-14,2%
Carteira de Encomendas COP (UE - 27 países)	%	8,1%	-1,1%	-17,4%	-35,0%	-34,8%	-25,2%	-14,8%	-29,6%	-28,3%	-5,5%
Carteira de Encomendas COP (UE - Portugal)	%	10,6%	-8,7%	8,6%	-31,1%	-10,2%	-12,8%	-10,4%	-17,1%	-17,0%	-29,6%
Perspectivas Emprego COP (UE - 27 países)	%	6,8%	2,0%	-15,9%	-31,3%	-20,4%	-11,7%	5,7%	-17,9%	-16,4%	10,3%
Perspectivas Emprego COP (UE - Portugal)	%	-2,1%	7,6%	-6,0%	-17,2%	-3,6%	-2,9%	-1,6%	-5,8%	-6,4%	-4,4%

Nota: Quadro construído com informação disponibilizada até 9 de FEVEREIRO de 2010

(1) Indicador que resulta das opiniões dos empresários expressas no Inquérito Mensal á Actividade realizado pela FEPCOP / UE

(2) A partir do 1º trimestre de 2008 os resultados do emprego da construção são divulgados segundo a CAE Ver. 3.1. As variações homólogas de 2008 resultam da comparação entre resultados de 2007 (CAE Rev. 2.1) e os de 2008 (CAE Rev. 3.1)

var. hom. trimestral = [trimestre n / trimestre n-4] var. hom. acumulada = [índice (n) + índice (n+1) + ... + índice (n+12)] / [índice (n-12) + índice (n-11) + ...índice (n-1)]